

# **Nas trilhas de François Paré: exiguidade, fragilidade e distância habitada na elaboração da memória em culturas minoritárias e diaspóricas**

## **Following in François Paré's footsteps: exiguity, feebleness and distance dwelling in the forging of memory within minority and diasporic cultures**

Maria Bernadette Porto<sup>1</sup>

*Submetido em 31 de março e aprovado em 10 de abril de 2014.*

**Resumo:** A partir da leitura de conceitos-chave presentes no pensamento do professor e pesquisador franco-ontariano François Paré, um dos intelectuais canadenses mais importantes de nosso tempo, pretende-se refletir sobre pistas para se analisar o processo de construção da memória no âmbito de culturas minoritárias e diaspóricas.

**Palavras-chave:** Exiguidade. Fragilidade. Distância habitada. Diáspora. Memória.

**Abstract:** Based on the reading of key concepts from the theoretical thinking of Franco-Ontarian François Paré, one of the most important Canadian intellectuals of our time, we intend to investigate clues to analyze the process of construction of memory in the context of minority cultures.

**Keywords:** Smallness. Fragility. Distance inhabited. Diaspora. Memory.

### **Introdução**

Não acredito que seja possível escrever uma obra na qual os lugares de pertencimento identitário já não constituam um traçado de leitura. (PARÉ, 1994).

Ao longo dos últimos anos, o pensamento de François Paré vem inspirando parte de minhas pesquisas<sup>2</sup>, através de pistas fecundas para a análise da produção literária nascida em contextos considerados minoritários. Até recentemente, ausentes da maioria dos currículos

universitários, em geral voltados para a reprodução da cultura dominante – vista como única –, o que acarretava o ocultamento de autores situados fora do cânone, os estudos literários se faziam surdos e impermeáveis às vozes vindas além dos limites dos “grandes centros”. Vinculada, desde o início de minha carreira profissional, a uma instituição pioneira na introdução das literaturas francófonas nos programas de graduação e pós-graduação, mostro-me sensível às reflexões em torno das questões de identidade, alteridade, diferença, representação, imaginário do lugar e das línguas, encontro de culturas, diáspora e memória. Por isso mesmo, a descoberta da obra desse intelectual, que privilegia o estudo da relação entre a condição frágil das minorias francófonas e a história e a memória, constituiu a possibilidade de alargar e aprofundar indagações sobre a presença de tais aspectos em obras literárias oriundas das chamadas margens que, há muito, ocupam o centro de meu interesse acadêmico.

Originário da cidade de Longueuil (Quebec), François Paré é professor titular no Departamento de Estudos Franceses da Universidade de Waterloo (Ontário). Durante vinte e cinco anos foi professor de língua e de literaturas de língua francesa na Universidade de Guelph (também em Ontário). Diretor da revista multidisciplinar *Francophonies d'Amérique*, publicou, entre outros títulos, os ensaios *Les littératures de l'exiguïté* (1992) – pelo qual recebeu o prestigioso prêmio do “Gouverneur Général” –, *Théories de la fragilité* (1994), *La distance habitée* (2003) e *Le fantasme d'Escanaba* (2007). Vários projetos o ocupam no momento atual: a coordenação de uma pesquisa apoiada pelo *Conseil de Recherche en Sciences Humaines du Canada* sobre os primeiros escritos no Ontário francês; a preparação de um livro contendo artigos sobre a situação da língua em situação minoritária; e o ensaio *L'effacement du nom* que realça o apagamento do nome próprio presente na obra de escritores da América francófona, como Victor-Lévy Beaulieu (Quebec), Daniel Maximin (Guadalupe), Patrick Chamoiseau (Martinica), entre outros. Em entrevista ao jornal *La Relève*, Paré explicita seu interesse pela temática desse seu futuro ensaio, no qual se destaca a questão da fragilidade que pesa sobre o ser minoritário:

O livro aborda a violência feita ao nome da pessoa. É um projeto de obra que me habita há anos e que busca sua inspiração em uma experiência pessoal. Trata-se da maneira pela qual o nome e o sobrenome do minoritário são deformados pela cultura majoritária. Quando comecei a trabalhar, era

sistematicamente chamado de Pare em Ontário. No início, isso me irritava. Cheguei à conclusão de que se tratava de algo muito mais profundo, ligado a uma forma de violência feita, pela cultura majoritária, à diferença [...] ao nome da pessoa. O livro é um estudo de textos literários, pois me dei conta de que tal fenômeno aparecia muito mais frequentemente na literatura do que se pensava e não apenas no Ontário francês, mas em todo o espaço francófono norte-americano. (PARÉ, 2013, p. 18, grifo do autor).

Consciente de que a literatura é uma excelente porta de entrada para se captar a condição minoritária<sup>3</sup> (PARÉ, 2013, p. 18) e de que ela se define sempre como um trabalho sobre a fragilidade, o estudioso das experiências minoritárias francófonas nas Américas se volta também para a questão da língua, vista por ele como o mais frágil dos fatores da identidade. Em seus estudos sobre as Primeiras Nações, constatou que a maior parte das comunidades ameríndias perdeu seu idioma, devendo buscar sua referência identitária no território. O mesmo não ocorreu com os franco-ontarianos: por se situarem em toda parte e em nenhum lugar, acreditam que o território tem menos importância do que o idioma, a ser defendido como fator diferencial (PARÉ, 2013, p. 18). Aí se esboçam duas manifestações da fragilidade que marca comunidades minoritárias: a fragilidade da língua (oral e escrita) e a fragilidade da relação com o espaço, que expressam a ameaça de desaparecimento das culturas minoritárias.

Para o desenvolvimento de minhas reflexões sobre o lugar da memória em comunidades minoritárias, buscarei apoio em três eixos temáticos relevantes na evolução do pensamento de François Paré: a exiguidade, a fragilidade e a distância habitada, noções que circulam sem cessar e se enriquecem continuamente em cada publicação desse pensador. No fim de meu passeio pela obra de Paré, uma metáfora elucidadora das teorias deste crítico será realçada: a do fantasma de Escanaba.

### **Literatura e exiguidade<sup>4</sup>**

[...] a escrita e a prática da arte acarretam, inevitavelmente, uma liberação do espaço. Desse modo, o criador luta até a morte contra a exiguidade, o abafamento e o silêncio. (PARÉ, 2001, p. 97).

Em sua obra *Les littératures de l'exiguïté* (1992)<sup>5</sup>, considerada como uma mudança radical de paradigma na área dos estudos centrados em produções literárias das margens, François Paré assume a defesa das “pequenas” culturas a partir de uma reflexão apurada sobre literaturas fundamentadas na prática da resistência e no desejo de afirmar sua diferença para além da arrogância do universal. Nesse livro há dados úteis para a leitura de obras inspiradas pelo exíguo, exiguidade que se manifesta nas páginas literárias sob a forma de impossibilidades e carências, ou, ainda, como impulso em direção a gestos do resistir e do reinventar.

Acreditando que o futuro da Literatura “[...] depende da manutenção e da promoção da diversidade radical” (PARÉ, 2001, p. 114), no prefácio de seu ensaio, Paré se vale de uma metáfora reveladora: a das dunas selvagens que, nos Países Baixos, impedem o avanço das águas do mar em direção às primeiras casas das aldeias. Ilustração significativa do “saber da resistência”, tais dunas asseguram a proteção “[...] contra toda intrusão que poderia desenraizar ou colocar em perigo a preciosa vegetação” (PARÉ, 2001, p. 17). Em outras palavras, trata-se de valorizar as margens e de reconhecer a importância de estratégias de sobrevivência de que lançam mão seres marcados pela fragilidade. Associadas às dunas nos confins da terra habitada, as literaturas da exiguidade definem-se pela sua capacidade de resistir aos riscos de desaparecimento no interior de novos mapas identitários de um mundo globalizado em que, muitas vezes, é problemática a manutenção das diferenças.

Ao se engajar na defesa e ilustração dos discursos da exiguidade, Paré ressalta que, ao contrário das “grandes literaturas” – que se apoiam no prestígio do universal – as “pequenas literaturas” remetem às ideias de fragmentação e diversidade. Ausentes em geral dos currículos universitários, tais produções representam, como acaba de ser dito, um lugar rentável para a leitura da contemporaneidade e das novas cartografias da identidade em que, ao lado dos apelos da homogeneização, irrompem, com persistência e determinação, vozes plurais de especificidades culturais. Cabe, pois, reconhecer a emergência dos discursos das margens, não como “[...] um subproduto das culturas dominantes, mas como fabricação original e autônoma de bens simbólicos inéditos” (PARÉ, 2001, p. 206).

No interior das chamadas literaturas da exiguidade, Paré identifica tipos distintos: as literaturas minoritárias, as literaturas coloniais, as literaturas insulares e as “pequenas” literaturas. Em todos os casos, verifica-se a ideia

de falta e de privação que se manifesta de diversas formas. Através da designação de “literaturas minoritárias”, o crítico se refere a obras produzidas no âmbito de minorias étnicas no interior dos Estados unitários. Segundo ele, o colonialismo, as deportações e migrações e a repartição arbitrária de fronteiras estão na origem da heterogeneidade cada vez mais visível na cena do mundo em que enclaves minoritários se instalam no espaço do outro. No segundo grupo, Paré situa produções marcadas por um passado colonial cujos efeitos nefastos se fazem ainda sentir, como a alienação, a desapropriação e a despossessão identitárias. Nos seus comentários sobre as literaturas insulares – como as da Islândia, das Ilhas Maurício e da Terra Nova – ele ressalta o conceito de insularização, vista como condição interiorizada da exiguidade insular que pode afetar pessoas que não moram necessariamente em ilhas – o que se dá, por exemplo, no caso dos descendentes dos acadianos deportados num passado longínquo, mas que ainda sonham em resgatar a pátria ou a mátria perdida através das páginas da ficção. O último grupo identificado por Paré é o das “pequenas” literaturas nacionais que existem na contramão da constituição canônica dos escritos reconhecidos na historiografia literária que exclui e silencia as produções que escapam da difusão e do fortalecimento do Mesmo. Em geral, os “pequenos” discursos literários nacionais engajam-se em processos políticos de emancipação cultural. Gesto político e solidário, a escritura é uma forma de afirmação da existência de uma comunidade, o que dialoga de perto com a proposta de Deleuze e Guattari (1977) sobre a noção de literatura menor.

A leitura dessa obra de Paré foi muito importante para o desenvolvimento do Projeto “Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas”, no âmbito do qual ressaltei algumas metáforas da exiguidade. Figura de linguagem ligada aos trânsitos e às transferências semânticas, a metáfora ocupa lugar de destaque em textos das movências e construções identitárias. É o que se destaca das palavras de Salman Rusdhie, ser migrante por excelência:

[...] a emigração nos oferece também a mais rica metáfora de nossa época. A própria palavra *metáfora*, com suas raízes gregas, *levar através*, descreve uma espécie de emigração, a das ideias em direção às imagens. Os emigrados – homens levados através – são seres metafóricos na sua própria essência, e a emigração, vista como metáfora, está em toda parte em torno de nós. Todos nós atravessamos fronteiras;

num sentido, somos todos emigrados. (RUSHDIE, 1993, p. 307-308, grifo do autor).

Além de sermos todos metaforicamente emigrados, conforme sugere Salman Rushdie, sabemos que a experiência da exiguidade faz parte da condição humana. Em um ensaio interessante em que analisam a “experiência da habitabilidade” em romances de Émile Ollivier, escritor da diáspora haitiana que participa da chamada literatura migrante do Quebec, Simon Harel e Mathieu-Alexandre Jacques encontram na obra do mesmo autor um paralelismo entre a casa e a escritura. Segundo eles, a escritura seria uma espécie de obra-refúgio ou obra-insular cuja função seria a “[...] de aumentar desmesuradamente nossa relação com o mundo de modo a nos proteger da pequenez da condição humana e da insegurança que a acompanha” (HAREL; JACQUES, 2003, p. 87). Um trecho do romance *Passages*, de Émile Ollivier, ilustra vários aspectos da exiguidade, a partir de metáforas expressivas:

*Nous venons d'un pays qui n'en finit pas de se faire, de se défaire, de se refaire. Coureurs de fond, nous avons franchi cinq siècles d'histoire, opiniâtres et inaltérables galériens. Nous avons subsisté, persévéré sur les flots du temps, dans cette barque putride et imputrescible à la fois, dégradable et pérenne. Notre histoire est celle d'une perpétuelle menace d'effacement, effacement d'un paysage, effacement d'un peuplement: le génocide des indiens caraïbes, la grande transhumance, l'esclavage et, depuis la mort de l'Empereur, une interminable histoire de brigandage. Notre substance est tissée de défaites et de décompositions. Et pourtant, nous franchissons la durée, nous traversons le temps, même si le sol se dérobe sous nos pas. Malgré vents et marées, malgré ce présent en feu, ce temps de tourments, cette éternité dans le purgatoire, nous continuons à survivre en nous livrant à d'impossibles gymnastiques.* (OLLIVIER, 1994, p. 129-130).

Nessas linhas de inegável valor poético, o escritor-testemunha registra a teimosia de seu povo que soube e sabe resistir aos riscos de apagamento identitário, insurgindo-se contra obstáculos impostos pelo regime colonial e pela opressão que se manifestou, ao longo da história haitiana, como exercício da degradação e do aviltamento de seres humanos. A alusão a

memórias vividas no espaço do horror traz à baila a imagem antiga da barca putrefata, evocação dos navios negreiros que povoam o imaginário caribenho. Longe de sugerir, metaforicamente, a simbologia de uma casa superlativa – como Barthes depreendeu no *Nautilus*, de Júlio Verne (BARTHES, 1972, p. 56) – o barco insinua aqui os riscos de morte. Morte de seres anônimos do passado, deslocados para sempre das trilhas de sua memória de origem. Morte anunciada no interior do próprio romance em que um grupo de haitianos miseráveis tenta atingir Miami através da fuga pelo mar, fracassando em seu intento. A temática do naufrágio remete aqui a dois tempos superpostos: o do tráfico de escravos do passado e o da fuga desesperada dos *beat-people* haitianos diante da violência da ditadura dos *tontons-macoutes*. Em ambas as situações o naufrágio – físico e existencial – sinaliza o fracasso de um povo confinado na sua não existência sob o jugo dos poderosos.

A exiguidade não se restringe necessariamente a um dado físico, mas corresponde a uma espécie de mirante de onde se pode ler o mundo, como um convite à revelação de novos horizontes. No caso das Antilhas, por exemplo, a “pequenez” da língua crioula levou escritores como Édouard Glissant, Patrick Chamoiseau e Ernest Pépin entre outros, a reinventar a língua francesa através da prática da desterritorialização criativa. Além disso, obras de autores da diáspora haitiana no Quebec, escritas a partir da perspectiva da migração – vista como categoria estética – inspiram-se nas possibilidades expressivas do minoritário, de seres que, em seu cotidiano, conhecem a perda e a ausência de um espaço identitário e que se mostram capazes de criar, apesar de todas as impossibilidades. Isso se explica, segundo François Paré, pelo fato de a arte e a escritura acarretarem a liberação do espaço, cabendo ao criador lutar contra o exíguo, o silenciamento e a desposseção identitária.

### Leituras da fragilidade

A literatura é sempre um trabalho sobre o frágil. (PARÉ, 1994, p. 9).

Dois anos após a publicação de *Les littératures de l'exiguïté*, François Paré lança seu ensaio *Théories de la fragilité* no qual elege como corpus as literaturas acadiana e franco-ontariana. Nessa obra, o crítico se volta

para a análise de livros dos acadianos Herménégilde Chiasson e France Daigle; e de Gérard Bessette, Michel Marc Bouchard, Andrée Christensen, Fernand Dorais, André Paiement, Daniel Polinquin, entre outros, do lado franco-ontariano. A ideia de fragilidade se reveste de vários modos de ser: fragilidade inerente à própria condição minoritária, fragilidade identitária e memorial, fragilidade das instituições responsáveis pela publicação de obras iluminadas por essa perspectiva, fragilidade da existência de um público leitor.

Dois marcas atravessam obras nascidas sob o signo da fragilidade e da inquietação: os riscos de uma morte iminente e da invisibilidade. É o que Paré destaca em dois textos fundadores da temática abordada: *Mourir à Scoudouc* (1974) de Herménégilde Chiasson e *L'homme invisible/The Invisible Man* (1981) de Patrice Desbiens. Tornar-se invisível para outrem e para si mesmo é conhecer uma morte mais ou menos lenta, é definir-se como impotente, é confinar-se no silenciamento. Todavia, como afirma Paré, na “[...] ordem da literatura, ninguém desaparecerá, ninguém será condenado ao silêncio” (PARÉ, 1994, p. 14). “Modo de existência privilegiada dos povos minoritários” (PARÉ, 1994, p. 35), a literatura – vista como algo contrário à exclusão (PARÉ, 1994, p. 40) – lhes permite fugir da invisibilidade, do silêncio, do desaparecimento e do sentimento de autocomiseração, produzidos, muitas vezes, como representação de si, como interiorização da diferença tornada negativa.

A cenografia do desaparecimento detectada por Paré em muitas obras representativas da fragilidade se apoia, não raro, em um jogo de aparecimentos e desaparecimentos sucessivos, em um piscar ininterrupto que vai da existência à inexistência, do apagamento à ocultação. Segundo Paré (1994, p. 21), à primeira vista inofensivos, os verbos aparecer-desaparecer se tornam “[...] os temíveis sintagmas nos quais toda a vida dos indivíduos minoritários se resume”.

A impotência de seres minoritários se manifesta ainda como dificuldade ou até impossibilidade de representar seu tempo, sua língua, seu território em função da precariedade de seus bens simbólicos, materiais, linguísticos e memoriais. Daí decorrem os sentimentos de ausência e de despossessão presentes na esfera política e econômica, ligados à posição assumida pelos franco-ontarianos diante de sua própria existência: a de espectadores, incapazes de intervir no mundo que os cerca e os determina (PARÉ, 1994, p. 28).



Em um texto de François-Olivier Dorais, publicado em um número especial sobre “*La francophonie canadienne au miroir de sa fragilité*” de *La Relève*, jornal dos estudantes da francofonia canadense, encontram-se dados para se pensar a respeito desse sentimento de impotência que marcaria seres minoritários. Trata-se do artigo “*La fragilité comme ressaisissement: espace et condition minoritaire*”, no qual se lê:

O minoritário é frágil em função da limitação de seu *poder*. No nível político, é desprovido de reais estruturas decisórias e participa de maneira muito limitada das várias instâncias elegíveis de poder que o cercam. O lugar de sua organização política se limita à esfera de algumas associações deliberativas, elas próprias em situação de dependência financeira diante do Estado majoritário. No plano econômico, salvo algumas exceções históricas ligadas ao modelo cooperativo, sua potência quase não aparece. Quanto aos raros francófonos que conseguem penetrar no meio anglófono dos negócios, a maior parte se apaga atrás da língua da maioria e francófona. (DORAIS, 2013, p. 14, grifo do autor).

Como denominador comum, as culturas minoritárias francófonas compartilham a exclusão, a marginalização e condições bem particulares de escrita, no que concerne à publicação e à difusão de suas obras (PARÉ, 1994, p. 14). Despossuído, inferiorizado, invisível, muitas vezes, o ser minoritário desenvolve uma relação com ele mesmo marcada pelo intolerável e pela dificuldade de coincidir consigo mesmo. É o que Paré depreende no teatro de André Paiement, ao retomar palavras de Lise Noël sobre a intolerância:

Antes de ser despojado de seus direitos, o oprimido o é, de fato, de sua identidade. Identidade que o dominante define em seu lugar, reduzindo-a a uma diferença que lhe será proposta em seguida como inferior. Assim, ele se torna “outro” diante de seus próprios olhos, nessa incapacidade [...] de coincidir com ele mesmo. (NOËL apud PARÉ, 1994, p. 47).

Apesar do tom pessimista que se faz observar na maioria das páginas do ensaio *Théories de la fragilité*, em alguns momentos, o teórico permite que lampejos de esperança se insinuem nas suas reflexões. Na qualidade

de mutantes – “O minoritário é um eterno mutante [...]” (PARÉ, 1994, p. 25) –, os habitantes do norte ontariano se deixam levar pelas necessárias e renovadoras mutações, pois “[...] é melhor ‘mudar’, trocar de nome, deixar aqueles que se ama, para que se desenvolva o maravilhoso desfile da narração, o anúncio da verdadeira permanência, sempre por vir” (PARÉ, 1994, p. 121). E a despeito das tensões destrutivas que o atingem como ser minoritário, Paré pretende transformar em gesto de afirmação o que é, a cada dia, vivenciado como um dilaceramento irreparável e um processo de exclusão permanente (PARÉ, 1994, p. 47). Assim, o conceito de resiliência – capacidade de renascer e de se reinventar após um grande trauma como pensa Boris Cyrulnik<sup>6</sup> – acaba por suplantar a vulnerabilidade, apontando para a possibilidade de um outro devir para seres minoritários.

A escrita e a memória como distâncias habitadas

A memória [...] é uma distância habitada. (PARÉ, 2003, p. 35).

A escrita é, ao mesmo tempo, distância e proximidade. (PARÉ, 2003, p. 64).

Trazendo nova luz aos estudos das chamadas literaturas da exiguidade e à noção de fragilidade, no instigante ensaio *La distance habitée*, publicado em 2003, François Paré destaca que as ideias de resistência e de luta pela sobrevivência não se mostram mais capazes de dar conta da complexidade do que se passa em contextos minoritários e diaspóricos, como pensa Lucie Hotte na obra coletiva *Habiter la distance: études en marge de la distance habitée* (2009), inspirada por esse ensaio de Paré lançado em 2003, no livro *Théories de la fragilité*, ao insistir na inquietação e na ameaça da invisibilidade, Paré “[...] realça também, de passagem, as contradições e limites desse discurso” (HOTTE, 2009, p. 20). Através da revisão de noções anteriormente adotadas em suas pesquisas, em 2003, o teórico canadense se vale dos conceitos de diáspora, de itinerância e de distância habitada que sugerem a neutralização das oposições entre ausência e presença. Detecta-se, de imediato, o paradoxo no sintagma que dá nome ao ensaio de 2003: a ideia de distância supõe ruptura, afastamento, ao passo que a alusão ao gesto de habitar anuncia a constelação de imagens ligadas ao aconchego,

à proteção, à duração. Em seu ensaio *La distance habitée*, o professor e pesquisador canadense François Paré (2003, p. 9) ressalta a presença de novas identidades vindas de um outro lugar que se inscrevem em espaços fronteiriços nos quais se aprende a habitar a distância. Para ele, pouco a pouco, os sujeitos exilados ou minoritários aprendem a viver na privação da origem, a tirar partido da distância para se reinventarem. Nesse universo intersticial, sabem habitar a distância entre o eu e o outro, entre culturas e memórias de diferentes naturezas. Segundo Paré, toda cultura – e, em especial, as culturas minoritárias – permite, a cada um de nós, habitar a distância que nos separa dos outros em um universo intersticial, marcado pela heterogeneidade e pela pluralidade de memórias. No centro da consciência diaspórica, Paré identifica a plurilocalidade, ligada a uma lógica plural da história e à fratura da memória coletiva<sup>7</sup>.

Aqui caberia uma palavra sobre a noção de diáspora que, como é sabido, sofreu modificações ao longo das últimas décadas. Reservada, a princípio, a povos que sofreram violências ao longo da história – os judeus e os negros –, a palavra adquiriu um sentido antropológico, capaz de explicar o desenraizamento das sociedades pós-modernas. Aos olhos de Paré, se a ideia de cultura minoritária evoca o desejo de estabilidade e duração, o conceito de diáspora reflete o movimento e a metamorfose (2003, p. 67). A consciência diaspórica de nosso tempo põe em movimento o imaginário da ausência – sugerida através da invisibilidade, do desaparecimento e do silenciamento (p. 66) –, ao mesmo tempo em que aponta para a capacidade de reinvenção identitária após a dispersão de comunidades inteiras.

Segundo o mesmo teórico, no fundo, toda cultura permite a cada um habitar a distância entre si e os outros, em um universo intersticial (PARÉ, 2003, p. 62). Isso porque a sensação de distanciamento não depende necessariamente de um deslocamento geográfico para se manifestar, estando presente no âmbito de uma só cultura. A consciência da distância não aflora somente quando se está longe de sua terra natal. É necessário reconhecer que o ser humano vivencia a distância no interior de sua própria cultura. Por mais próximo que se sinta no interior dessa cultura – considerada como algo dado – ele precisa deslocar-se dela, ainda que por pensamento, para melhor se ver no mundo. Essa forma de se encarar o contexto cultural, fundamentada no distanciamento do indivíduo, foi estudada pelo sociólogo quebequense Fernand Dumont, que realçou o caráter dialético dessa noção. Para Dumont, a cultura só existe de modo

dialético, em constante oposição a si mesma. Segundo este sociólogo, o homem precisa se atribuir uma representação do que ele é, colocando-se à distância de si mesmo e de sua cultura para perceber melhor seu pertencimento a um contexto singular (DUMONT, 1968, p. 55)<sup>8</sup>.

A partir dessa ideia de distância – e aqui não é possível esquecer que para François Paré o olhar é distância<sup>9</sup> – a perspectiva do estrangeiro pode coincidir com a tomada de consciência de sua própria identidade, como se destaca na observação de outro representante da diáspora haitiana no Quebec, Joël Desrosiers (1996, p. 75): “O verdadeiro lugar do nascimento é aquele em que se tem, pela primeira vez, um olhar estrangeiro sobre si mesmo; minhas primeiras pátrias foram terras estrangeiras.” Experimentar a estrangeiridade em terra alheia ou no seu país de origem é vivenciar o descentramento cultural tão presente em nossos dias; é empreender o movimento do (des)localizar-se no mundo, cada vez mais repleto da circulação de signos do heterogêneo e da perda de referenciais identitários e memoriais.

Refletir sobre a figura do estrangeiro é admitir seu papel como aquele que coloca a memória e a palavra em movimento, suscitando o duplo gesto de acolhida ou resistência (PARÉ, 2003, p. 17). Sem terem sido necessariamente citados por Paré na passagem de seu livro que acaba de se retomada, dois personagens da francofonia canadense poderiam aqui ser evocados: o *Vagabond*, da novela “*Un vagabond frappe à notre porte*” de Gabrielle Roy e *Le Survenant*, personagem que dá nome ao célebre romance de Germaine de Guèvremont. Como seres da fabulação e da memória-palimpsesto, desencadeiam o fluxo afetivo de lembranças (reais ou fictícias), comprovando o pensamento de Paré, para quem a memória é o lugar das mais sutis metamorfoses (PARÉ, 2003, p. 13). Enquanto arte da narração e da invenção, a memória é o que nos constitui como textos (PARÉ, 2003, p. 26). Andarilhos que percorrem as estradas e as distâncias canadenses como novas encarnações de Hermes, protetor dos ladrões e dos viajantes, o *Vagabond* e o *Survenant* chegam de surpresa à casa dos que os recebem como aqueles que trazem, respectivamente, as novidades da família afastada e do mundo. Graças a seu poder de fabulação – o que faz pensar na “espécie fabuladora” de Nancy Huston (2008) – habitam a distância que, a princípio separaria o familiar e o estrangeiro, “domesticando” as relações humanas em um país marcado pela disseminação da população, distribuída pelos vastos

espaços canadenses. Por virem de lugares afastados, ao longo de suas deambulações pelas estradas, carregam em sua bagagem memórias coletivas do heterogêneo, que compartilham com os que se enraizaram no apelo da sedentarização. Pelo trabalho memorial que empreendem junto a seus anfitriões – sempre provisórios em função das promessas da estrada, convite aos eternos deslocamentos –, o *Vagabond* e o *Survenant* realizam a prática de uma apropriação espacial, parecendo atualizar as palavras do autor de *La distance habitée*: “E o espaço, outrora signo de vacuidade e de abandono, torna-se o lugar de um trabalho constante de aproximação de si mesmo e dos outros” (PARÉ, 2003, p. 13).

Desse modo, mais do que seres da resistência, personagens oriundos de comunidades minoritárias e da experiência do descentramento, definem-se por sua itinerância por espaços nos quais se dão acomodações, fabulações e negociações. No cenário da distância não cessam de brotar palavras e memórias híbridas, crioulas, que questionam a pretensa homogeneidade dos territórios nacionais e das sociedades que acolhem seres e coletividades excêntricos (PARÉ, 2003, p. 70).

### **Um fantasma na cenografia da distância: a metáfora de Escanaba**

O Quebec deverá se abrir para a dimensão diaspórica de sua implantação migratória, pois aí residem suas possibilidades de transformação real. (PARÉ, 2007, p. 11).

Em seu rico ensaio *Le fantasma d’Escanaba* (2007), François Paré se indaga sobre a constituição de modelos diaspóricos, sobretudo em comunidades da América francesa, onde se dá a superação da origem e o desenvolvimento de uma identidade segunda (PARÉ, 2007, p. 17). Valendo-se de seu próprio trajeto, o autor evoca sua partida para os Estados Unidos, em 1972, quando se perguntou a razão de deixar o Quebec para “habitar a distância”. Como leitor de Derrida, encontrou no conceito de “*différance*” e na ideia de “*trace*” o sentido para sua escolha existencial, fundamentada na sugestão de um universo continuamente deslocado, diferido (PARÉ, 2007, p. 55-56). Acumulando experiências, como o sujeito itinerante descrito pelo poeta acadiano Herménégilde Chiasson, ao longo de suas movências, o pensamento de Paré se constrói como um palimpsesto de espaços e memórias do vivido (PARÉ, 2007, p. 9).

Mais uma vez, Paré recorre a Fernand Dumont e, em especial, a um capítulo de *Raisons communes*, no qual o sociólogo afirma que, mesmo se muitas vezes as culturas são vetores de fechamento, não deixam de ser também lugares de compartilhamento e de encontros inesperados (PARÉ, 2007, p. 106). Nesse contexto, Paré faz uma leitura interessante do personagem do *Survenant*, a que fiz alusão anteriormente. Aos olhos do autor de *Le fantasma d'Escanaba*, essa figura ficcional de Germaine Guèvremont representaria não só o próprio Quebec aberto aos apelos dos itinerários diaspóricos, mas também seus habitantes que partiram para sobreviver e se enraizar na dispersão espacial (PARÉ, 2007, p. 107-108). Associadas ao Quebec, as memórias diaspóricas remetem não apenas às lembranças da província francófona deixada para trás e que podem atravessar fronteiras geográficas e gerações marcadas pela perda – como se dá com a escritora Gabrielle Roy que as privilegia em seu imaginário – mas também dizem respeito à bagagem memorial trazida por imigrantes que se instalam no Quebec onde hibridizam suas antigas lembranças com as que são construídas no novo país.

Uma metáfora produtiva, que aparece no título desse ensaio de 2007, atravessa o conjunto das reflexões aí apresentadas: trata-se de Escanaba, que ilustra o sonho de canadenses-franceses que queriam encontrar, desde o fim do século XIX, seu lugar no continente, para além dos limites da exiguidade. Não se deve esquecer que Escanaba é o nome de uma cidade do Michigan, onde canadenses-franceses tentaram estabelecer uma comunidade diasporal no fim do século XIX. Todavia, interessa efetivamente a Paré a cidade ficcional com o mesmo nome no romance *Une ville lointaine*, de Maurice Henrie (2001). Lido por François Paré como ilustração da lenta erosão das identidades no universo diaspórico, esse livro explora a estética do desaparecimento. Construído a partir do sumiço gradual dos habitantes de uma cidade, esse romance dá realce, em particular, ao personagem Antoine, aspirado, como alguns de seus conterrâneos, por um buraco negro situado entre duas cidades. Vagando nesse hiato topográfico, refugia-se no deslocamento, no movimento contínuo, na condição de passageiro que não mora em lugar algum. Aqui se reiteram a ideia de fragilidade e a ameaça de desaparecimento que rondam as coletividades minoritárias.

Segundo François Paré (2007), nenhuma obra da América francófona expressa tão bem o espaço das migrações como a de Gabrielle Roy, cujas

narrativas de cunho autobiográfico remetem, sem cessar, ao fantasma de Escanaba, vivenciado em sua família. O ato de viajar constituiu uma experiência exemplar e enriquecedora para a escritora, justamente por colocá-la diante da multiplicidade de culturas, o que a levou a uma maior abertura para a alteridade. Em sua infância, ouvia atenta, não só os relatos feitos por seu pai, funcionário do governo, responsável pela instalação de imigrantes, como também a narrativa da viagem dos avós maternos, que deixaram o Quebec para viver no Manitoba. Herança transmitida através das gerações, a busca de um lugar promissor levou muitos canadenses-franceses a se deslocarem de seu lugar de origem, o que produziu muitos relatos familiares. Estimulados a sair da exiguidade quebequense (PARÉ, 2007, p. 173), que se refere menos à extensão geográfica do que a uma certa concepção imaginária de um povo que, durante séculos, resistiu à assimilação, fechando-se em si mesmo, os canadenses-franceses souberam responder aos apelos de um outro lugar. No que concerne às personagens femininas de Gabrielle Roy, o desejo de partir – com seus riscos e atrativos – seria uma atualização do mito de Escanaba, sinônimo de desassossego segundo Paré, sugerindo a quebra de interditos e limites emocionais que as confinavam no espaço doméstico. No conjunto da obra royana, os charmes do espaço diaspórico se manifestam como “[...] a transmissão de narrativas fundadoras entre gerações [...]” (PARÉ, 2007, p. 50), o que confirma os vínculos entre mobilidades geográficas e mobilidades textuais e a necessária e frutífera parceria entre a distância e o poder de fabulação das memórias.

Em resumo, na evolução de seu pensamento sobre a Franco-América, Paré acabou por priorizar a importância da consciência diaspórica em comunidades minoritárias que, se à primeira vista se traduzem sob a forma da falta, da exiguidade e da fragilidade, revestem-se, sobretudo, do poder da criatividade e das práticas da resiliência graças ao contato com a alteridade descoberta nos deslocamentos. Nesse sentido, se é possível lembrar alguns lugares precários da memória – em trânsito – de seres minoritários representados em páginas literárias, como a charrete de *Pélagie-la-charrette* (Antonine Maillet), a velha *Kombi*, de *Volkswagen Blues* (Jacques Poulin), o *charriot* dos avós de Gabrielle Roy, o ônibus de Éveline (*De quoi t'ennuies-tu, Éveline?* de Gabrielle Roy), ou até mesmo o táxi de Pierre-Léon Lalonde (*Un taxi, la nuit*), que transporta, à noite, seres deslocados vindos do Terceiro Mundo pelas

ruas de Montreal, deve ser realçado seu poder de acolhimento, renovação e hospitalidade em um mundo aberto à poética da relação (GLISSANT, 1990) e à aceitação do dialogismo das novas diásporas.

## Referências

BARTHES, R. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1972.

CYRULNIK, B. *Un merveilleux malheur*. Paris: Odile Jacob, 2002.

DESROSIERS, J. *Théories caraïbes: poétiques du déracinement: essai*. Montréal: Tryptique, 1996.

DORAIS, F.-O. La fragilité comme ressaisissement. *La Relève: le journal des étudiants de la francophonie canadienne*, Ottawa, Université d'Ottawa, Faculté des Sciences Sociales, Hiver, v. 4, n. 1, 2013.

DUMONT, F. *Les lieux de l'homme: la culture comme distance et mémoire*. Montréal: HMH, 1968.

GLISSANT, É. *Poétique de la Relation*. Paris: Gallimard, 1990.

GUÈVREMONT, G. *Le Survenant*. Montréal: Bibliothèque québécoise, 2005.

HAREL, S.; MATHIEU-ALEXANDRE, J. L'écrivain témoin: déplacements, transferts culturels et l'expérience de l'habitabilité dans les romans d'Émile Ollivier. *Revue Internationale d'Études Canadiennes*, Ottawa, Conseil International d'Études Canadiennes, n. 27, 2003.

HENRIE, M. *Une ville lointaine*. Québec: L'Instant Même, 2001.

HOTTE, L.; POIRIER, G. (Org.). *Habiter la distance: études en marge de La distance habitée*. Sudbury: Éditions Prise de parole, 2009.

HUSTON, N. *L'espèce fabulatrice*. Montréal: Leméac, 2008.

LA RELEVE. *Le journal des étudiants de la francophonie canadienne*, Ottawa, Université d'Ottawa, Faculté des Sciences Sociales, hiver, v. 4, n. 1, 2013.

LALONDE, P.-L. *Un taxi la nuit*. Québec: Les Éditions du Septentrion, 2007.



OLLIVIER, É. *Passages*. Paris: Le Serpent à plumes, 1994.

MAILLET, Antonine. *Pélagie-la-charrette*. Paris: Grasset, 1979.

PARÉ, F. Autour de la fragilité. Entretien avec François Paré. Avec la collaboration de Serge Dupuis. *La Relève: le journal des étudiants de la francophonie canadienne*, Ottawa: Université d'Ottawa, Faculté des Sciences Sociales, hiver, v. 4, n. 1, 2013.

\_\_\_\_\_. *La distance habitée*. Ottawa: Le Nordir, 2003.

\_\_\_\_\_. *Le fantasma d'Escanaba*. Montréal: Nota Benne, 2007.

\_\_\_\_\_. *Les littératures de l'exiguïté*. Ottawa: Le Nordir, 2001.

\_\_\_\_\_. *Théories de la fragilité*. Ottawa: Les Éditions du Nordir, 1994.

\_\_\_\_\_. Postace: le fils éperdu. In: HOTTE, L.; POIRIER, G. (Org.). *Habiter la distance: études en marge de La distance habitée*. Sudbury: Éditions Prise de parole, 2009.

PORTO, M. B. Andarilhos, vagabundos e mendigos: desvios, devires e lugares da alteridade. In: FIGUEIREDO, E.; PORTO, M. B. (Org.). *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF, 2007.

\_\_\_\_\_. Escritas do exílio: habitar e representar a distância. In: PORTO, M. B.; VIANNA NETO, A. (Org.). *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros*. Niterói: EdUFF, 2012.

\_\_\_\_\_. Habitar a diáspora: representações do imaginário da distância em textos literários contemporâneos. *Aletria: revista de estudos de literatura*, Belo Horizonte, POSLIT, Faculdade de Letras da UFMG, v. 6, 2012.

\_\_\_\_\_. Paisagens da insularidade: a poética do exíguo na literatura antilhana de língua francesa. *Revista Brasileira do Caribe*, Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. VI, n. 12, 2006.

\_\_\_\_\_. Représentations de la mémoire comme don et partage dans l'imaginaire de la distance chez Gabrielle Roy et Mona Latif Ghattas. *Études canadiennes*, Association Française d'études canadiennes, v. 74, 2013.

POULIN, J. *Volkswagen blues*. Montréal: Actes Sud/Leméac, 1998.

ROY, G. *De quoi t'ennuies-tu, Éveline? Suivi de Ély! Ély! Ély*. Montréal: Boréal, 1998.

\_\_\_\_\_. Un vagabond frappé à notre porte. In: \_\_\_\_\_. *Un jardin au bout du monde*. Montréal: Alain Stanké, 1987.

RUSHDIE, S. *Patries imaginaires: essais et critiques 1981/1991*. Paris: Christian Bourgois, 1993.

## Notas

1. Professora de língua francesa, de literatura quebequense e de literaturas francófonas nos cursos de graduação, especialização da UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Professora de literatura quebequense, literaturas francófonas e literatura comparada nos cursos de Mestrado e Doutorado em Estudos de Literatura da UFF. Pesquisadora 1D junto ao CNPQ (desde 1982). E-mail: mbvporto@hotmail.com.

2. Trata-se dos projetos “Poéticas da exiguidade e da errância nas Américas” (já encerrado) e “Escritas do exílio: habitar e representar a distância” (atual).

3. O interesse de Paré pela literatura não exclui seus vínculos com outras áreas do conhecimento. Ele mesmo reconhece a afinidade que o liga ao sociólogo Fernand Dumont, para quem o conhecimento pode ser uma prática de solidariedade. Paré busca inspiração na maneira como Dumont encara o estudo da Sociologia na qual imprime sua própria história e seu engajamento pessoal. (PARÉ, 2013, p. 18). Isso coincide com a observação de Hotte (2009, p. 17) sobre Paré, em cuja obra ela reconhece a voz de alguém, que fala de dentro das coletividades, que estuda na qualidade de um participante de uma sociedade minoritária.

4. Alguns parágrafos desse subcapítulo foram retomados do artigo de minha autoria “*Paisagens da insularidade: a poética do exíguo na literatura antilhana de língua francesa*”, publicado na *Revista Brasileira do Caribe* (2006).

5. Minha edição desta obra é de 2001. Por isso as citações deste ensaio publicado em 1992 se referem a essa data.

6. Segundo o psicólogo, psiquiatra, etólogo e neurologista Boris Cyrulnik, quando a palavra resiliência surgiu no campo da física, ela designava a aptidão de um corpo em resistir a um choque, o que dava ênfase à substância. Ao ser adotada pelas Ciências Sociais, passou a significar a capacidade de superação, de se desenvolver positivamente na vida social apesar de um grande sofrimento (CYRULNIK, 2002, p. 8). Outras passagens do mesmo livro podem ser associadas às comunidades minoritárias: “A resiliência é mais do que resistir, é aprender a viver” (CYRULNIK, 2002, p. 185). O que supõe a necessidade da metamorfose identificada por Paré ao ser minoritário visto como um mutante.

7. Esse parágrafo retoma um trecho do artigo de minha autoria “*Habitar a diáspora: representações do imaginário da distância em textos literários contemporâneos*”, publicado na revista *Aletria* (2012).

8. Já nessa outra passagem permito-me retomar considerações feitas por mim no artigo de minha autoria “*Escritas do exílio: habitar e representar a distância*”, capítulo que abre a obra coletiva *Habitar e representar a distância em textos literários canadenses e brasileiros* (2012).
9. “O olhar é distância, ele se alimenta da periferia” (PARÉ, 2003, p. 19).

